



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Delicadamente audaciosa

Rita Lee é autora da trilha sonora de nossas vidas. É uma personagem íntima de milhares de brasileiros. Inventou canções que já nasceram clássicas, que falavam por nós, que tiravam a palavra e a melodia de amor da nossa boca. Agora só falta você. Meu bem você me dá água na boca. Nada melhor do que não fazer nada. Só pensar em você. Agora é hora de assumir e sumir. A gente faz amor por telepatia.

Tenho a impressão de que todos nós já nascemos com uma idade e, ao longo da vida, só desenvolvemos, depuramos ou decantamos essa condição. Rita Lee

sempre foi uma adolescente nata, não importa a idade que tivesse, impulsivada pela audácia, a irreverência e a rebeldia, mas sem perder a ternura jamais.

Era belíssima na juventude. Na reta final da vida, perdeu a saúde, mas, o humor, nunca. Nos últimos momentos, apelidou o câncer que consumiu sua vida de “Jair”. Não é à toa que foi considerada a padroeira das ovelhas negras.

Mesmo nunca sendo roqueiro, em meados da década de 1970, eu viajava de Brasília até São Paulo com o objetivo de fazer uma varredura nos sebos para comprar os discos dos Mutantes.

Pouco antes, em 1968, quando morava em São Paulo, havia assistido à performance impactante de Gilberto Gil com os Mutantes em um festival de música popular, que embaralhava tudo, misturava o som de berimbau, guitarras, ritmos populares e arranjos eruditos.

Aquilo caiu como um disco voador em minha cabeça. O encontro dos Mutantes com os baianos era, em si mesmo, a revolução tropicalista, que abalaria a cultura brasileira e produziria efeitos por várias décadas.

Mais tarde, Rita confessaria que os baianos a apresentaram ao Brasil. Os irmãos mutantes Arnaldo e Sérgio eram tremendos instrumentistas, conheciam música como virtuosos eruditos

e tocavam como roqueiros ensandecidos, produzindo distorções que pareciam nos transportar para espaços intergalácticos. Gostava, principalmente, de *Ando desligado*, canção romântica, mas com um acento auto-irônico. A minha banda ideal teria os irmãos mutantes na guitarra e no teclado/baixo, mas com a poesia de Renato Russo e a dramaticidade da Legião Urbana.

Rita Lee sempre esteve na linha de frente da performance anárquica. Mas, ao se separar de Sérgio, seguiu carreira solo e há uma cena simbólica e reveladora: reza a lenda que, no primeiro show de Rita, Sérgio e Arnaldo se sentaram na primeira fila e brindaram a ex-parceira com uma tremenda vaia. Há

vaiais que constroem e há vaiais que consagram. Aquela era uma vaia consagrada. Rita decolou em brilhante carreira solo.

Entendeu a provocação do tropicalismo de uma maneira muito singular e original. Construiu o próprio caminho. Falou do amor e do desejo do ponto de vista feminino, compôs canções inspiradas que batem diretamente no coração. Sem fazer pose ou rezar por nenhuma cartilha feminista, ela abriu caminho para as mulheres com a atitude audaciosa, delicadamente audaciosa, sob o lema não provoque a cor de rosa choque. Rita deixa um legado de coragem, liberdade e lindas canções, modernas e eternas.

“Um belo dia resolvi mudar / E fazer tudo o que eu queria fazer / Me libertei daquela vida vulgar / Que eu levava estando junto a você”



Rita Lee se apresentou na cidade em várias ocasiões e levou uma multidão para os shows, como no ginásio de esportes do Colégio Marista e no extinto Estádio Pelezão

Emoção para os brasilienses

» IRLAM ROCHA LIMA

Quando me preparava para escrever este texto, vi na televisão João Gilberto e Rita Lee, interpretando *Jou Jou Balagandans*, um clássico da MPB tradicional, composta por Lamartine Babo. Certamente há quem veja neste registro, extraído de um especial da TV Globo, um encontro improvável. Quem tem este entendimento não sabe da existência de um disco da mãe do rock brasileiro, intitulado *Bossa n'roll*, e que dividiu um álbum com Gilberto Gil, um mestre da MPB, de quem era comadre.

Desabusada, com objetividade focalizou na letra de músicas como *Caso sério*, *Vírus do amor* e, principalmente, prazeres da relação sexual sob a ótica feminina, em canções como *Amor e sexo*, *Banho de espuma*, *Desculpe o auê* e *Lança perfume*. Nesta última, deixando a pudicícia de lado, mandou: “Me vire de ponta cabeça/ Me faz de gato e sapato/ Me deixa de quatro no ato/ Me enche de amor.”

Em carreira solo, veio a Brasília pela primeira vez em 1975. Acompanhada pela banda Tutti Frutti, apresentou o show *Fruto proibido*. À época, *Ovelha negra* era a música

Carlos Eduardo/CB/D.A Press



No Teatro Nacional em 1991: críticas aos governantes do momento

mais tocada no Brasil e, obviamente, foi cantada em coro pelos três mil espectadores que superlotaram o ginásio de esportes do Colégio Marista, na 609 Sul.

Eu acabara de me tornar repórter do *Correio* e tive o privilégio de fazer cobertura daquele concerto, que trazia no repertório canções como *Agora*

só falta você, *Cartão postal*, *Dançar pra não dançar* e *Esse tal de Roque Enrou*. Fiquei arrebatado com o que vi e ouvi no palco e na plateia.

Ditadura

Rita demorou um pouco para voltar à cidade, porque ela havia sido alvo da

Adauto Cruz/CB/D.A Press



Entrevista concedida a Irlam Rocha Lima, no ginásio de esportes do Colégio Marista

censura, por fazer comentários contundentes sobre a ditadura militar. Só voltaria em 1983, para apresentação no extinto Estádio Pelezão, ao lado do companheiro Roberto de Carvalho. Naquele período, o país tinha como presidente o general João Baptista Figueiredo, o que não a impediu de fustigar o mandatário de plantão.

Sempre contestadora, Santa Rita de Sampa, posteriormente, cantou para os fãs brasilienses em outros locais, como o Ginásio Nilson Nelson, Autódromo e Concha Acústica. Ela despediu-se da capital com um show inesquecível, em frente ao Congresso Nacional, que teve como epílogo irreverente, um bunda-lelé, ovacionada por 50 mil pessoas.

Um basta à caretice

» NAHIMA MACIEL

Rita Lee faz parte da trilha sonora de Joana Duah desde a infância, quando dançava uma coreografia embalada por *Lança perfume* nas aulinhas de jazz. Em casa, os pais compravam os LPs e a família inteira ouvia e cantava. “Sempre foi uma trilha sonora muito festiva, até quando ela, de alguma maneira, falava da caretice, era sempre de uma forma muito festiva. Era uma figura que, nos anos 1960, achava aquela juventude de esquerda que curti música de protesto meio caretá”, repara a também cantora, que montou em Brasília um show-tributo para Rita Lee.

A irreverência, combinada com a atitude de resistência e enfrentamento, sempre fascinou Joana. As letras das músicas eram fruto da postura combativa que fez Rita Lee chutar a porta do rock brasileiro, até então marcado pela presença masculina e machista, e se impor com um discurso sem superficialidades e que não admitia clichês. Joana lembra de Mamã natureza, que tem versos como “Não sei/Se eu vou ter algum dinheiro/Ou se eu só vou cantar no chuveiro”. “Já é a afirmação de um lugar de artista, do papel dela de artista como mulher, mas sem um discurso clichê”, diz a cantora. “A atitude é de uma personalidade artística completamente sintonizada com a obra que produziu. É uma figura que estava cantando *Panis et circenses*, em 1968, falando das pessoas ‘ocupadas

em nascer e morrer’, o tempo inteiro era esse espaço de crítica das coisas que estavam normalizadas.”

Para o repertório do tributo, Joana escolheu principalmente músicas dos anos 1970 e 1980. Ela tem carinho especial pelos discos gravados com a banda Tutti Frutti, como *Fruto proibido* (1975), que tem músicas como *Agora só falta você* e *Ovelha negra*. “É uma irreverência que é da personalidade, e um tipo de feminismo que nunca é clichê. É uma atitude de vanguarda, uma figura que está acostumada a pensar fora, a transgredir”, diz.

A cantora e compositora Gaivota Naves cita *Entradas e bandeiras*, de 1976, como um dos discos favoritos. A música que abre o álbum, *Coristas de rock*, é emblemática da personalidade de Rita Lee, com o verso “Que tem pra valer/Um ponto de vista que não se limita/ De ser ou não ser/ Prefiro ser os dois”. “Rita Lee é tanto pra mim! Ela é a inspiração máxima de muitas mulheres como eu, que ousaram afrontar e se inserir em lugares completamente masculinos. Ela conseguiu fazer isso com primor, com deboche, se apropriando de tudo que ela podia e colocando em cada coisa um toque especial”, descreve Gaivota.

Ela também cita *Atrás do porto tem uma cidade*, de 1974, que traz a faixa *Mamã natureza*. “Esse disco, até hoje, me marca muito, a gente fazia várias músicas, é uma coisa que formou meu caráter enquanto compositora, musicista, enquanto mulher, enquanto banda. Até hoje penso nela em

Renata Samarco/Divulgação



Joana Duah: “Personalidade artística sintonizada com a obra”

vários momentos quando as coisas ficam muito difíceis, muito duras, penso em como ela agiria ao usar o deboche, o riso”, revela Gaivota.

Psicodelia

O guitarrista Haroldinho de Mattos lembra de um episódio de um show em Brasília. Ele tinha 9 anos e estava na plateia da apresentação com o irmão, Sérgio Pinheiro, que mais tarde integraria a banda Mel da Terra. Rita escolheu o público desanimado e

elegiou os irmãos, os únicos que cantavam e dançavam durante o show. Eram os tempos das apresentações com a Tutti Frutti, com figurinos psicodélicos e início da história pós-Mutantes. “Depois dos Mutantes, ela voou para o mundo. Ainda bem. Esse show foi muito marcante pra mim, essa coisa da postura, da indignação, da resistência contra a caretice, contra o machismo”, lembra.

Philippe Seabra vê Rita Lee como uma pioneira. Ele lembra como a cantora e os Mutantes foram importantes

para defender o lugar do rock e da presença das guitarras na música brasileira num momento em que os ícones da MPB se uniam contra a “influência da música ‘moderna’ vinda de fora”. “Todos nós da década de 1980 temos que reconhecer que foi ela quem abriu o caminho”, acredita. “A contestação estava em seu sangue, mas sem apelar nem ofender. Se expressava através da postura e suas letras, e que sua alma inquietante — que inspirou gerações, inclusive um jovem recém-chegado dos EUA em 1976, eu — descanse em paz.”

Minervino Júnior/CB



Gaivota Naves: “Inspiração máxima de mulheres como eu”